

CRECHE COMO CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO: UM ESTUDO SOBRE O AMBIENTE DE CRECHES EM UM MUNICÍPIO DE SC

ROCHA LIMA, Ana Beatriz. – UNIVALI – beatriz@univali.br

BHERING, Eliana. –UFRJ – eliana.bhering@terra.com.br

GT: Educação de Crianças de 0 a 6 anos / n.07

Agência Financiadora: Sem Financiamento

I - Introdução:

Os serviços destinados a crianças pequenas configuram-se a partir dos contextos sociais, políticos e econômicos, que delinham alguns elementos e aspectos dos ambientes educativos infantis. Estes são referentes à organização e recursos destinados aos serviços da creche (DEMO, 1994; GUIMARAES, 2002).

A organização do ambiente oferecido às crianças pequenas depende de aspectos e características dos contextos em que elas vivem e freqüentam e do que estes podem oferecer. Em instituições de Educação Infantil (EI), o ambiente físico, o grupo de atividades, a rotina, os recursos materiais e de pessoal, as interações desenvolvidas, e o programa adotado pela instituição para essa faixa etária (LORDELO, 2003) são alguns destes aspectos e características importantes. A preocupação com a organização deste ambiente relaciona-se com o processo de desenvolvimento infantil, considerado como um processo aberto, dinâmico, contínuo e multifacetado. A organização deste ambiente também leva em consideração o processo de socialização das crianças.

Infelizmente, no Brasil, os ambientes físicos destinados à Educação infantil são ainda inadequados, podendo muitas vezes, estar organizados precariamente. Nesses ambientes encontra-se, por exemplo, confinamento, organização rígida da sala, uso de lápis e papel visando a antecipação da escolaridade das crianças pequenas; ausência de brinquedos, entorno degradado; rotinas inflexíveis e incluem o uso abusivo da televisão e do tempo de espera (ROSEMBERG, 2003).

A discussão acerca da organização dos ambientes destinados às crianças pequenas dá subsídios para o estabelecimento de critérios e parâmetros para o desenvolvimento de programas educativos de qualidade, voltados às necessidades específicas de cada faixa etária (SALUJA, EARLY & CLIFFORD, 2002). A avaliação destes ambientes e dos programas educativos é essencial, pois esta auxilia o professor e a equipe pedagógica na reflexão sobre sua performance e desempenho, e o impacto destes na ação das crianças. Além disso, o monitoramento das condições ambientais se preocupará também com as

condições para o desenvolvimento infantil, como por exemplo, a ênfase dada ao desenvolvimento cognitivo ou das habilidades sociais, e ainda, identifica a falta de investimento em alguns dos aspectos ou características do próprio programa (GALLAGER & CLIFFORD, 2000; AGUIAR, BAIRRÃO e BARROS, 2002).

A avaliação dos ambientes educativos para crianças pequenas é um desafio e ela deve ser percebida como um mecanismo de constante reflexão sobre os aspectos e elementos que compõem este ambiente, e não como, simplesmente, um mecanismo de medir, julgar, comparar ou selecionar os contextos para as crianças (BONDIOLI, 2004). A avaliação, mesmo que desencadeada por instrumentos previamente estipulados, é processo e não deve representar um produto final sem considerações que dizem respeito à dinâmica das ações das instituições. Caso contrário, se apresentam resultados estáticos, representarão somente situações pontuais desenvolvidas em um dado período de tempo ao invés de retratar o trabalho da instituição. Por outro lado, a avaliação de ambientes que tem por objetivo fomentar o crescimento e desenvolvimento de todos envolvidos – adultos e crianças – e das ações, permeia a construção de situações educativas intencionais de qualidade. A avaliação que busca um diagnóstico da situação a partir da qual o programa é desenvolvido pode trazer também, mesmo que seus resultados demonstrem apenas a situação em um dado momento, benefícios permeando o processo de mudança necessário para atingir os parâmetros de qualidade estipulados pela equipe.

Ambas as terminologias - ambiente e o contexto -, usadas neste artigo, representam os aspectos físicos e materiais, relacionais, sociais, e recursos humanos da educação infantil. Com isto, toda a dinâmica da rotina, atividades, cuidados e interações desenvolvida nos ambientes designados para as crianças nas escolas de Educação Infantil estará sendo considerada na avaliação do ambiente/contexto.

Esta pesquisa teve como objetivo geral avaliar as condições do ambiente dos cinco centros de educação infantil (quatro públicos e um privado, de caráter filantrópico) da rede municipal de um município na região do Vale do Itajaí, em Santa Catarina.

II - Revisão bibliográfica:

Pesquisas que investigam a maneira como o ambiente físico está disposto e organizado, tanto internamente, nas salas, quanto externamente, nos pátios, indicam que

existe uma relação entre o arranjo espacial e o tipo de interações estabelecidas entre os próprios coetâneos, entre as crianças e a equipe, e entre as crianças e os materiais disponibilizados nas suas atividades. Segundo estas pesquisas, a quantidade e a qualidade das interações se relacionam com o tipo de arranjo espacial (BOMFIM, 2002; CAMPOS-DE-CARVALHO & RUBIANO, 1996a; CAMPOS-DE-CARVALHO & RUBIANO, 1996b; CAMPOS-DE-CARVALHO & PADOVANI, 2000; SAGER, SPERD, ROAZZI, MARTINS, 2003).

A preocupação com as características necessárias para o estabelecimento e desenvolvimento de programas de qualidade para a educação infantil é compartilhada por muitos pesquisadores dessa área (AGUIAR, BAIRRÃO e BARROS, 2002; ZABALZA, 1998; BECCHI & BONDIOLI, 2003; BHERING, 2004; BONDIOLI & MANTOVANI, 1998). Em 1990, a Comunidade Européia iniciou um debate sobre a questão da qualidade, que culminou na publicação de um documento “Qualidade para os serviços para a criança pequena” (MOSS, 2002). Este documento gerou outros para o estabelecimento de Metas de Qualidade para esses serviços que atribuem grande importância ao cuidado infantil, no que diz respeito ao trabalho, igualdade de gênero, de oportunidades para crianças urbanas e rurais, de responsabilidades familiares de homens e mulheres, e diversidade e flexibilidades nos serviços prestados as crianças (MOSS, 2002; HADDAD, 2002). Estes documentos vem influenciando as ações européias para a infância assim como tem inspirado nossas iniciativas aqui no Brasil e em outros países.

Pesquisadores do Centro Frank Porter Child Development, da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, desenvolvem pesquisas que dão suporte a discussão sobre os elementos necessários para a obtenção de um sistema educacional com qualidade. Consideram como componentes importantes a preparação da equipe, a consultoria externa, as pesquisas aplicadas e os programas de avaliação, a comunicação entre as pessoas envolvidas nesse processo, um sistema de dados com informações atualizadas, um planejamento adequado e compreensível, e uma coordenação organizada desses componentes (GALLAGER E CLIFFORD, 2000).

Katz (1993) descreve sobre cinco perspectivas sobre a qualidade de um programa de educação infantil. Ressalta a proporção de crianças para cada adulto, qualificações e estabilidade da equipe, características das interações entre crianças e adultos, qualidade e quantidade de equipamentos, de materiais e dos ambientes destinados à educação infantil; saúde, higiene e medidas de segurança são alguns dos

indicadores a serem avaliados para o desenvolvimento de um programa com qualidade. Aguiar, Bairrão e Barros (2002) afirmam que esses critérios formam o consenso na determinação da qualidade para a prestação de cuidados e educação as crianças.

No cenário brasileiro, alguns princípios de qualidade foram propostos por Campos & Rosemberg (1995) para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais da criança, com critérios relativos à organização e ao funcionamento interno, que possibilitem à criança ter direito à brincadeira, à atenção individualizada, a um ambiente acolhedor, seguro e estimulante, ao contato com a natureza, às boas e adequadas condições de higiene e saúde, a uma alimentação sadia, à possibilidade de se expressarem das mais variadas formas, e à definição de diretrizes e normas políticas, programas e sistemas de financiamento de creches, comprometidos com o bem-estar e desenvolvimento da criança.

Rosemberg (2003) sugere a apreensão de quatro indicadores, embora reconheça que no caso brasileiro são descritos de forma rudimentar: razão função docente/matrícula; formação de profissionais; disponibilidade de material pedagógico; e condições do ambiente físico.

Apenas o último Plano Nacional de Educação (2000) estabeleceu metas referentes à qualidade na Educação Infantil. Em 2004, o Ministério da Educação e a Secretaria de Educação Infantil e Fundamental, em documento preliminar, propõem padrões de Infra-estrutura para as Instituições de Educação Infantil e parâmetros de qualidade para a Educação Infantil (MACHADO e CAMPOS, 2004). A construção de tal documento revela que ainda não há um conceito definido e um consenso na Educação Infantil em relação a parâmetros nacionais que estabeleçam quais os critérios de qualidade adequados para a realidade brasileira. Ressalta-se aqui, que a discussão sobre este tema tem movimentado a comunidade científica brasileira e as pesquisas indicam a urgente necessidade de mais pesquisas nesta área, especialmente para creche. A discussão sobre qualidade é também foco de debate tendo implicações para a discussão sobre ambiente para creche.

Uma solução apontada por muitas comunidades científicas consiste em estabelecer colaborações, ligações e relações entre os contextos dos quais a criança faz parte, tais como a casa, a escola, a comunidade e com todos aqueles envolvidos na prestação de serviços para o atendimento e cuidado infantis. Os contextos imediatos das crianças precisam desenvolver parcerias para criar iniciativas que melhorem as

condições sobre a situação das crianças. Uma destas condições diz respeito aos indicadores sociais, reconhecendo, assim, as necessidades de cada criança e se aproximando das necessidades de suas famílias e comunidades (GALLAGER & CLIFFORD, 2000, KATZ, 1993, BROWN *et al.*, 2002; AGUIAR, BAIRRÃO e BARROS, 2002). Os contextos imediatos da criança podem ser amplamente modificados se esta parceria for efetivada.

Evidências de pesquisa, valores profissionais e conhecimento empírico apontam aspectos do ambiente, por exemplo, a organização do mesmo, as rotinas diárias, tipos de interações realizadas, como necessários para uma educação infantil de qualidade (AGUIAR, BAIRRÃO e BARROS, 2002; BONDILOI & MANTOVANI, 1998; ZABALZA, 1998; GANDINI & EDWARDS, 2002; KATZ, 1993). Moss (2006) defende que “qualidade é um exemplo de avaliação como declaração da realidade, envolvendo a avaliação do desempenho - de uma criança, de um educador ou de um serviço – conforme um conjunto de normas predefinidas” (pág. 10). O autor acrescenta que as escalas de medição apresentam problemas no que diz respeito à diversidade e complexidade, valores e subjetividade, pois estas levam a múltiplas perspectivas sobre o trabalho pedagógico. No entanto, é importante enfatizar que instrumentos como a ITERS_R têm instigado a reflexão sobre os parâmetros de qualidade em vários países promovendo a ampliação do entendimento sobre ambientes fomentadores para crianças pequenas e sobre o debate acerca da qualidade em si. A idéia da avaliação de ambiente para crianças pequenas é, antes de qualquer coisa, procurar desenvolver ambientes que ofereçam oportunidades para o aprendizado e a construção do conhecimento para as crianças, as famílias e os professores (RINALDI, 2002).

III - Metodologia:

Instrumento:

O Instrumento utilizado foi a escala ITERS-R - Infant and Toddlers Environment Rating Scale – Revised (Harms, Cryer, Clifford, 2003) intitulada, em português, “Escala de Avaliação de Ambientes Coletivos para Crianças de 0-30 meses” traduzida por pesquisadores brasileiros ainda sem data. Esta escala foi traduzida e testada através de um estudo piloto, atingindo a confiabilidade necessária entre dois

observadores, para a utilização da mesma para o estudo principal (Kappa: 0,56 a 0,86; Spearman: 0,66 a 0,92).

Esta aborda vários elementos que compõem a qualidade da proposta pedagógica e da escola de educação infantil para crianças entre 0 e 30 meses (FERRARI, 2003; AGUIAR, BAIRRÃO e BARROS, 2002) reunindo aspectos levantados por vários profissionais e pesquisadores da área. Ela é composta de sete sub-escalas (Mobiliário e disposição dos materiais; Rotinas e cuidados pessoais; Linguagem oral e compreensão; Atividades; Interação; Estrutura do programa; e Pais e equipe). As sete sub-escalas possuem trinta e nove itens no total as quais possibilitam analisar os elementos e organização do ambiente assim como aspectos mais subjetivos conforme tabela abaixo:

Sub-escalas	Itens
1. Espaço e mobiliário	1. Espaço interno 2. Móveis para cuidados de rotina e brincadeiras 3. Provisões para relaxamento e conforto 4. Organização da sala 5. Exposição de materiais para crianças
2. Rotinas de cuidado pessoal	6. Chegada/Saída 7. Refeições/ merendas 8. Sono 9. Troca de fraldas / Uso de banheiro 10. Práticas de saúde 11. Práticas de segurança
3. Linguagem oral e compreensão	12. Auxílio às crianças para compreenderem a linguagem 13. Auxílio às crianças para usarem a linguagem 14. Uso de livros
4. Atividades	15. Motora fina 16. Atividade física 17. Arte 18. Música e movimento 19. Blocos 20. Dramatizações 21. Areia / Água 22. Natureza/ Ciências 23. Uso de TV, vídeo e/ou computador 24. Promoção da aceitação de diversidade
5. Interação	25. Supervisão do brincar e do processo de aprendizagem 26. Interação criança – criança 27. Interação equipe-criança 28. Disciplina

6. Estrutura do Programa	29. Programação 30. Atividade livre 31. Atividades em grupo 32. Medidas para crianças com necessidades especiais
7. Pais e Equipe	33. Medidas para o envolvimento de os pais 34. Medidas para as necessidades pessoais da equipe 35. Medidas para atender as necessidades profissionais da equipe 36. Interação e cooperação entre a equipe 37. Estabilidade da equipe 38. Supervisão e avaliação da equipe 39. Oportunidades para desenvolvimento profissional

A utilização da escala ITERS-R permitiu definir os seguintes objetivos específicos: a) verificar se os diversos CEIs tendem a ter escores totais aproximados; b) verificar se as turmas de mesma faixa etária nos diversos CEIs tendem a ter escores aproximados (comparar os escores das turmas I, II e III): por centro e por sub-escala.

Para orientar a discussão sobre o ambiente para crianças pequenas, foram agrupados os sete pontos possíveis de serem pontuados a cada item, em três níveis distintos de qualidade baseados nas sugestões de BAIRRÃO *et al.* (1997) *apud* OLIVEIRA *et al.* (2003). Foram eles: A) escores entre 1 e 2,9, indicadores de um nível baixo de qualidade; B) escores entre 3 e 4,9, indicadores de um nível satisfatório de qualidade; e C) escores entre 5 e 7, indicadores de um alto nível de qualidade. Esta escala permite também que o observador entreviste os professores e equipe para complementar os dados das sub-escalas e ainda revelar e identificar aspectos que não são passíveis da observação (como por exemplo, o tipo de formação continuada programada; rodízio de exposição dos trabalhos das crianças; etc). A escala apresenta os seguintes indicadores para a avaliação de cada item das sub-escalas: 1 – inadequado, indicando que o cuidado não atende as necessidades básicas de desenvolvimento; 3 – mínimo, indicando que o cuidado básico atende as necessidades básicas e algumas outras necessidades do cuidado e desenvolvimento infantil; 5 – bom, apresentando condições básicas para o cuidado e desenvolvimento infantil; e 7 – excelente, apresentando cuidado de alta qualidade, com atendimento freqüente e personalizado, levando em consideração não so as necessidades do grupo, mas também as especificidades de cada criança.

Esta escala tem sido utilizada em programas como as abordagens italianas, para desencadear uma reflexão sobre a qualidade dos ambientes na Região de Emília-Romanha, na Itália (Ferrari, 2004). Os coordenadores e educadores de creche puderam, a partir do referido instrumento, discutir sobre a avaliação da qualidade do ambiente daquela realidade e a idéia de qualidade que se queria compartilhar. Além disso, o referido instrumento tem sido traduzido para vários idiomas e amplamente utilizado em pesquisas em vários países, indicando que há fidedgnidade e bons níveis de confiabilidade.

Este estudo contou com a colaboração da Secretaria Municipal de Educação com o conhecimento prévio do instrumento. A equipe da Secretaria autorizou a pesquisa e a presença dos pesquisadores em sala, revelando que sentiam que eles se beneficiariam dos resultados da pesquisa e por isso poderiam avançariam consideravelmente a partir da interação com os resultados da mesma assim como das discussões geradas durante e após o desenvolvimento da coleta de dados. O instrumento foi amplamente divulgado e cópia do mesmo foi disponibilizada para todos interessados com devolutiva prevista.

Para análise, para cada Centro de Educação Infantil foi computada uma média para cada sub-escala (soma dos escores atribuídos a cada um dos itens componentes daquela sub-escala) e uma média total (soma dos escores obtidos em cada sub-escala). Para cada faixa etária, conforme a turma avaliada (turmas I, II e III), foi computada uma média para cada sub-escala obtida em cada Centro, e a média total das sub-escalas por faixa etária.

Turmas observadas:

A ITERS-R foi aplicada em 12 turmas de Centros de Educação Infantil (CEI) do município, sendo que nove (9) delas estão sob a responsabilidade da rede municipal e três (3) a um CEI de iniciativa privada sem fins lucrativos. A idade das crianças variou de 3 meses a 38 meses e a maioria das turmas observadas contava com uma educadora e uma assistente. Os CEI's funcionam em período integral, e oferecem atendimento à comunidade a partir da 4 horas da manhã, e um desses Centros funciona até às 23h30min, pois precisa atender a demanda dos pais que fazem turno noturno numa indústria têxtil. Os outros centros encerram suas atividades às 18 horas. Este município tem população de origem germânica e mais da metade das professoras são bilíngües. É importante mencionar que as vagas reservadas para as indústrias não comprometem a

demanda expressa do município. O quadro abaixo apresenta as principais características desses centros de educação infantil (CEI).

	CEI 1 (Urbano)			CEI 2 (Urbano)		CEI 3 (Rural)		CEI 4 (Rural)		CEI 5 (Urbano)		
Crianças matriculadas	176			70		39		16		135		
Crianças de 0 a 3 anos	76			39		17		11		72		
Turmas Observadas	I II III			I II		I II		I II		I II III		
Horário de funcionamento	04:30 às 23:30			04:30 às 18:00		04:00 às 19:00		04:00 às 18:00		04:30 às 18:00		
Vagas disponibilizadas para indústrias do município gerando recurso para a instituição de EI	<u>60</u> têxtil			<u>3</u> Químico e peças de maquinário		-		-		<u>8</u> Têxtil, brinquedos, porcelana, peças de maquinário;		
Crianças presentes durante coleta de dados	I	II	III	I	II	I	II	I	II	I	II	III
	8	13	11	07	11	2	3	5	5	12	18	17
Professores presentes durante coleta de dados	2	2	2	2	2	6	1	5	1	2	2	2

Tabela 1 – Características dos CEIs.

Legenda: Turmas I – bebês; Turma II – 1 a 2 anos; Turma III – 2 a 3 anos.

É importante mencionar que, segundo dados da Secretaria Municipal de Educação, toda a demanda para educação infantil de crianças entre 0 e 3 anos é atendida por estes cinco centros. Há uma maior demanda para um dos centros urbanos, porém quando o número total de vagas é preenchido, as crianças são encaminhadas para os outros centros (na maioria das vezes para os rurais). A população de crianças entre 0 a 3 anos na cidade era, em 2004, segundo dados do IBGE, de 1114 (o município tem 24.230 habitantes segundo a mesma fonte). A educação infantil do município tinha, em 2004, 582 matrículas no setor público e 156 matrículas no setor privado, totalizando 738.

IV - Resultados

A análise dos dados foi feita de maneira a abordar todos os objetivos específicos, como se segue abaixo:

a) verificar se os cinco CEIs tendem a ter escores totais aproximados;

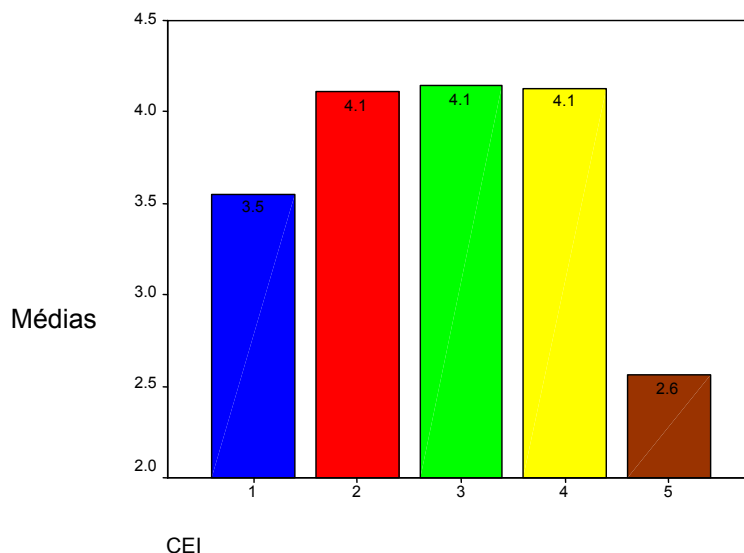


Gráfico 1 – Médias dos CEIs

Como pode ser observado, os CEIs municipais (CEIs 1, 2, 3 e 4) obtiveram um escore médio próximo de 4, o que indica um nível de qualidade satisfatório (conforme estipulado por BAIRRÃO, LEAL, ABREU-LIMA & MORGADO, 1997 *apud* OLIVEIRA, 2003). Pode-se levantar a hipótese de que as ações da Secretaria em relação as orientações são consistentes refletindo no trabalho do conjunto de CEIs públicos. Já o CEI 5 (privado) obteve um escore médio que não alcança o nível 3, o que representa que um nível baixo de qualidade (e segundo a escala se localiza na categoria MÍNIMO). É importante mencionar, no entanto, que este CEI apresentou um maior número de crianças por turma comprometendo assim a qualidade do serviço, como por exemplo, a interação adulto/criança na turma I que atende bebês.

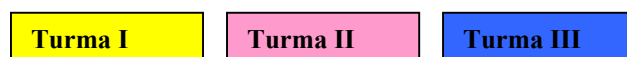
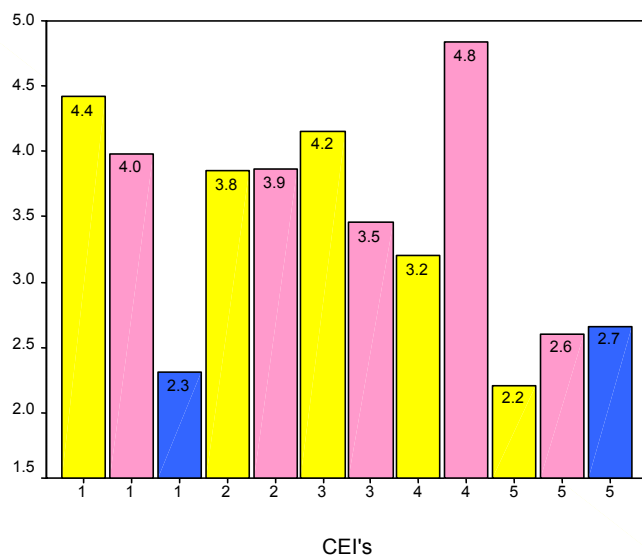


Gráfico 2 – Médias por turma em cada CEI.

Um dado importante revelado neste gráfico é o fato de que há variações nas médias das turmas, mas, no entanto, as variações não são distantes, exceto para a turma 3 no CEI 1 que a média cai significativamente, e para a turma 2 do CEI 4, que a média se eleva também significativamente. Este resultado pode estar indicando que há uma consistência em todos os CEI relativos a sua prática e proposta (mesmo sendo ela precária). Por outro lado, os resultados das duas únicas turmas 3 revelam que há necessidade de maior atenção (principalmente no CEI 1).

É importante notar que as médias das turmas 3, dos CEIs 1 e 5, encontram-se no nível estão no nível baixo de qualidade. Foi observado que nestas turmas prevalecia um tom mais escolarizante do que nas turmas dos menores. A escolarização foi observada principalmente no que diz respeito as atividades, disciplina e tipo de rotina implementada. Na tabela 2, pode-se perceber que no CEI 1, os sub-escalas ROTINA DE CUIDADOS PESSOAIS, LINGUAGEM ORAL E COMPREENSAO , ATIVIDADES, INTERAÇÃO, E ESTRUTURA DO PROGRAMA obtiveram escores menores que 2, que na escala está localizado entre inadequado e mínimo e portanto no nível baixo de qualidade. No CEI 5, os sub-escalas ROTINA DE CUIDADOS PESSOAIS, ATIVIDADES E ESTRUTURA DO PROGRAMA, também receberam escores menores que 2. O que mais chama atenção é o fato de que os escores destas turmas 3, os escores caíram em relação as outras turmas do mesmo CEI. Há indicações claras de que

a natureza do serviço atravessa mudanças quando as crianças vão para a turma 3. ROTINAS DE CUIDADO PESSOAL e ATIVIDADES são os sub-escalas que merecem maior atenção de todos os centros, mas especialmente nas turmas de crianças entre 2 e 3 anos. O cuidado não atende as necessidades básicas para o desenvolvimento infantil.

As ROTINAS DE CUIDADO PESSOAL incluem itens que avaliarão os momentos da chegada e Saída; das refeições e merendas; do sono; troca de fraldas e uso do banheiro, práticas de saúde e segurança e as ATIVIDADES analisam algumas áreas do currículo que são descritas em sub-escalas dentro das: atividades para o desenvolvimento motor fino; atividade física; arte; música e movimento; blocos; dramatizações; areia / água; natureza/ ciências; uso de TV, vídeo e/ou computador e promoção da aceitação de diversidade. Ambas sub-escalas representam a rotina preparada para as crianças e, portanto influenciam bastante na avaliação e análise da qualidade do serviço para as crianças e são analisadas em relação ao que está disposto e o nível de acessibilidade das crianças. Assim sendo, são sub-escalas que alertam para as questões pedagógicas tanto nos momentos de cuidados, quanto das atividades realizadas dentro e fora de sala.

Na turma I do CEI 5, a sub-escala ESPAÇO E MOBILIÁRIO obteve média 4.4 (conforme quadro abaixo), pois apresentou vários espaços específicos como por exemplo, uma sala separada para o sono dos bebês e uma cozinha que atende exclusivamente que contribuem para a qualidade do serviço.

b) verificar se as turmas de mesma faixa etária nos diversos CEIs tendem a ter escores aproximados por centro e por sub-escala;

MÉDIAS									
Sub-escalas									
CEI	Turmas	1	2	3	4	5	6	7	Total
		Ambiente e Mobiliário	Rotinas De Cuidado Pessoal	Linguagem Oral e Compreensão	Atividades	Interação	Estrutura do Programa	Pais e Equipe	
1	I	5.2	4.8	4.7	2.6	5.7	4.3	3.6	4.4
	II	4.2	3.7	2.7	3.7	5.7	3.3	4.6	3.8
	III	3.0	1.2	2.0	1.9	2.0	1.7	4.4	2.4
2	I	4.6	3.2	5.0	2.4	5.5	2.7	3.6	4.1
	II	2.4	2.2	4.0	2.7	6.5	6.0	3.3	4.1
3	I	3.6	2.3	4.7	4.4	5.5	5.0	3.6	4.5
	II	2.6	2.0	4.3	2.11	6.2	3.3	3.6	3.8
4	I	3.0	2.3	3.0	2.4	3.2	4.7	3.7	3.3
	II	5.0	4.3	5.3	4.0	6.0	4.7	6.0	5.0
5	I	4.4	1.3	1.0	1.6	1.2	1.0	4.8	2.2
	II	2.0	1.6	2.7	1.4	4.2	1.7	4.2	2.7
	III	2.2	1.8	2.7	1.60	4.2	1.7	4.4	2.8

Total	I	4.2	2.8	3.7	2.7	4.2	3.5	3.8	3.7
	II	3.2	2.8	3.8	2.8	5.7	3.8	5.7	3.9
	III	2.6	1.5	2.3	1.7	3.1	1.7	4.4	2.6
	Turmas Obs.	12	12	12	12	12	12	12	12

Tabela 2: Médias das sub-escalas avaliadas por turma em cada CEI

O CEI 5 (privado) é mantido por uma entidade religiosa, e a supervisão pedagógica fica sob a responsabilidade de uma das integrantes desta instituição, que se orienta por uma prática educativa baseada nas crenças religiosas do grupo. Foi observado, por exemplo, a presença de disciplina e rotina rígida e inflexível. Esta inflexibilidade pode explicar as baixas pontuações obtidas em algumas sub-escalas, visto que a escala, como um todo, valoriza práticas que fomentam a autonomia das crianças, através de uma sala organizada de maneira que as crianças possam se auto-orientar, mas contando sempre com a mediação dos adultos. Já no CEI 4, verifica-se escores opostos para as duas turmas avaliadas. Verifica-se que a qualidade do CEI pode estar relacionada ao conhecimento da proposta pedagógica o que faz os professores trabalharem a partir da compreensão comum sobre os objetivos e metas da referida proposta.

Os melhores escores em todos os CEIs foram para a sub-escala INTERAÇÃO. Como esta comunidade é essencialmente germânica, as professoras também conversam e interagem com as crianças em alemão. A escala valoriza os esforços feitos para atender as demandas sociais e culturais das crianças e da comunidade. Este item também analisa a disposição dos adultos para as crianças no sentido de avaliar a supervisão do brincar e do processo de aprendizagem, a interação entre as crianças, a interação entre a equipe e as crianças, e como a disciplina é abordada.

A seguir, os melhores escores destes CEIs (variando do nível satisfatório ao nível alto de qualidade) foram para a sub-escala PAIS E EQUIPE que incluem as medidas para o envolvimento de os pais, para as necessidades pessoais da equipe, para atender as necessidades profissionais da equipe; a interação e cooperação entre a equipe; estabilidade da equipe; supervisão e avaliação da equipe; oportunidades para desenvolvimento profissional. As entrevistas feitas após a observação revelaram que todos os CEIs se preocupam com a parceria com os pais e com a equipe. Isto é reflexo da intervenção da Secretaria que parece incentivar os CEIs a proporcionar um bom

ambiente de trabalho para os adultos. Além disso, revelaram também que os pais são colaboradores importantes para as instituições e que a relação mantida é sempre de parceria. Os CEIs tem horários de funcionamento que permitem o atendimento para além do horário comercial pois o município tem várias indústrias que trabalham 24 horas. Os pais, portanto contam com os serviços dos CEIs para que possam responder a demanda destas. Esta parceria – CEI – famílias – indústrias - foi construída em conjunto com os pais e as próprias indústrias, e agora contam com recursos extras que complementam o orçamento público. As equipes compreendem esta parceria como uma fonte de recursos para as crianças e acreditam que esta possibilidade os ajuda a melhorar a qualidade do atendimento a comunidade. Ressaltam que eles verdadeiramente atendem as demandas do município e que para eles, a qualidade de seus serviços está intimamente ligada a esta parceria, mas não somente, pois acentuam a importância das oportunidades de formação continuada e reuniões de equipe. Talvez o fato dos CEIs municipais terem obtido melhores escores se comparados ao CEI privado, pode nos levar a concluir que estas parcerias e a preocupação do programa em fomentar o desenvolvimento profissional e pessoal da equipe justifique estes escores e médias.

V - Considerações finais

Os autores da escala ressaltam que este instrumento pode ser útil tanto para o monitoramento das ações da instituição como para a utilização em pesquisas. Apesar de descrever previamente os indicadores de qualidade, este instrumento abre possibilidades para a reflexão e discussão sobre os referidos indicadores ampliando a compreensão de todos sobre temas e tópicos que são importantes para a educação de crianças entre 0 e 3 anos, pois ele indica a necessidade de interação com a equipe para obter dados sobre aspectos que não são facilmente observáveis. Além disso, quando a equipe se familiariza com o instrumento, é despertado nela o interesse por aqueles aspectos que possivelmente não são pensados e considerados ao longo do trabalho com as crianças.

Neste estudo foi verificado que este instrumento consegue captar a dinâmica da instituição assim como avalia detalhadamente a preparação do ambiente para as crianças partindo do pressuposto de que estamos criando contextos de desenvolvimento infantil, assim como o desenvolvimento dos adultos envolvidos (tanto pessoal com profissional). A escala ainda indica a necessidade de levar em consideração as mudanças que também

ocorrem nestes ambientes ao longo do ano e por isso dá indicações nas “notas de esclarecimento” como proceder para captar tais informações.

Este instrumento ainda possibilitou verificar os seguintes pontos:

- A presença de mobiliário adequado ao tamanho adulto foi observada em poucas turmas;
- O cuidado com a limpeza das salas e organização dos pertences das crianças;
- Materiais diversos estão disponíveis, porém não acessíveis o tempo todo comprometendo a autonomia da criança;
- Há grande variedade e número de brinquedos e materiais para uso em diversificadas situações disponíveis para as crianças e menos sucata (muitas vezes mais presentes);
- Participação dos pais na gestão da creche com trabalhos voluntários para melhoria dos CEIs (aspectos físicos, financeiros, organizacionais, festividades, etc.);
- Parceria comunidade, prefeitura e setor privado, demonstraram grande satisfação com a parceria com o setor privado, pois contribuem voluntariamente ajudando as instituições.

Os CEIs deste município estão empenhados em desenvolver um trabalho que responda a demanda da comunidade incluindo as demandas tanto as famílias quanto as dos setores econômicos principais da região e dos profissionais envolvidos neste serviço. A dedicação dos profissionais está presente em cada item avaliado pela escala, mesmo quando se verifica as dificuldades enfrentadas para superar as carências que se encontram nestas instituições. Neste sentido, percebeu-se que sub-escalas como a INTERAÇÃO serviam como suporte principal para as ações feitas com e para as crianças, pois conscientes das dificuldades e carências do setor, se empenhavam nos cuidados e educação das crianças. No caso do CEI privado, verificaram-se parâmetros diferenciados, pois a proposta pedagógica e de intervenção estava explicitamente revelada na arrumação e organização das salas e dos materiais para as crianças. Raramente encontraram-se materiais disponíveis e acessíveis para as crianças, revelando que o adulto era quem poderia decidir o rumo da rotina e das atividades. Esta é uma tendência das propostas que ainda não se preocupa com uma prática centrada nas crianças e nas relações. A preocupação centra-se nas atividades programadas pelos

adultos e dirigidas às crianças, ao invés de fomentar nas crianças a tomada de decisão e consciência sobre o que fazem.

Alguns pontos sobre os professores chamaram a atenção e estes podem ter influenciado a qualidade das interações. 90% dos professores da rede pública possuem curso superior e 60% deles tinham pós-graduação em Educação Infantil. CEI 1 se preocupava com o bem estar das educadoras oferecendo massoterapia semanalmente para trabalhar o corpo e ainda a preocupação do município com o bem estar pessoal e profissional dos profissionais da educação infantil, entendendo que é preciso manter o corpo docente saudável para que isto reflita no trabalho com as crianças, famílias e comunidade.

A discussão sobre a qualidade de ambientes para crianças entre 4 meses e 3 anos é tema que merece atenção da comunidade científica devido a relatividade imposta por estes serviços. Ela é orgânica e a preocupação com o atendimento à essas crianças deve ser prioridade pois é a partir da consciência de cada aspecto envolvido nestes serviços é que ampliaremos tanto a discussão como a nossa compreensão sobre o que é realmente preciso ser feito para que estes contextos sejam plenos para o desenvolvimento humano, a capacidade de aprendizagem, socialização e exercício da cidadania. Este estudo pretendeu não só avaliar as condições de oferta deste município, mas também desencadear reflexões sobre a complexidade do atendimento às famílias e seus filhos. Este município, pequeno demais para generalizações, nos lança um desafio para novas investigações: problemas relacionados à formação profissional para as instituições privadas (que talvez não cumpram o compromisso de formação em serviço e continuada); a parceria com o setor privado para ampliar possibilidades e recursos; a expansão dos serviços atendendo a 100% da demanda municipal, o número excessivo de crianças nestas turmas; e as reflexões sobre as rotinas de cuidados pessoal e atividades (que pode ser incluída na programação diária para crianças que passam grande parte de sua infância frequentando, por período integral, uma instituição de educação infantil). E finalmente, a provocação para reflexão sobre a utilização do instrumento para avaliar a qualidade das nossas instituições e daquelas que ainda se quer construir.

VI – Referências bibliográficas

AGUIAR, Cecília, BAIRRÃO, Joaquim e BARROS, Silvia. Contributos para o estudo da qualidade em contextos de creche na área metropolitana do Porto. **Revista do GEDEI: Infância e Educação. Investigação e Práticas**. Numero 5. Dezembro, 2002.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BECCHI, Egle & BONDIOLI, Anna (Orgs.). **Avaliando a pré-escola: uma trajetória de formação de professoras**. Tradução Fernanda L. Ortale & Ilse P. Moreira. Campinas: Autores Associados, 2003.

BHERING, Eliana. Educação Infantil: uma iniciativa produzida pela união de recursos e competências. **Contrapontos**. Volume 4. Número 1. Jan/Abr 2004.

BOMFIM, Joseane A. O. **Arranjos espaciais e ocupações do espaço por crianças de 1-2 e 3-4 anos em creche**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2002.

BONDIOLI, Anna, MANTOVANI, Susanna. **Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos – uma abordagem reflexiva**. Tradução: Rosana S. Di Leone e Alba Olmi. 9 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

BROWN, E. Glyn; AMWAKE, Carolynn; SPETH, Tim & SCOTT-LITTLE, Catherine. The Continuity Framework: A Tool for Building Home, School, and Community Partnerships. **Early Childhood Research & Practice**. Volume 4, Numero 2, Fall 2002.

CAMPOS-DE-CARVALHO, Mara I. & RUBIANO, Márcia R. B. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: Oliveira, Zilma M. R. de (Org.). **Educação Infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 3ª Edição, 1996a.

CAMPOS-DE-CARVALHO, Mara I. & RUBIANO, Márcia R. B. **Rede Social de crianças pequenas em creches: análise por proximidade física e atividade compartilhada**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v.2, n.12, p. 129-136, 1996b.

CAMPOS-DE-CARVALHO, Mara I. & PADOVANI, F. H. P. **Agrupamentos preferenciais e não-preferenciais e arranjos espaciais em creches.** Estudos de Psicologia, Natal, n.5 v. 2 p. 443-470, 2000.

CAMPOS, Maria Malta e ROSEMBERG, Fúlvia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças.** Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Fundamental, Departamento de Políticas Educacionais, Coordenação Geral de Educação Infantil, 1995.

DEMO, Pedro. A política de educação infantil no contexto da política da infância no Brasil. In: **Simpósio de Educação Infantil.** Anais. Brasília: MEC, 1994, p.22.

GALLAGER, J.& CLIFFORD, R. The Missing Support Infrastructure in Early Childhood. **Early Childhood Research & Practice.** Volume 2, Number 1, Spring 200.

GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn (Orgs.). **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil.** Tradução: Daniel E. Burguño. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GUIMARÃES, José Luiz. O financiamento da educação infantil: quem paga a conta? In: MACHADO, (Org.) **Encontros e Desencontros na Educação Infantil.** São Paulo: Vozes, 2002.

HADDAD, Lenira. Substituir ou compartilhar? O papel das instituições de educação infantil no contexto da sociedade contemporânea. In: MACHADO, (Org.) **Encontros e Desencontros em Educação Infantil.** São Paulo: Vozes, 2002.

HARMS, T. CRYER, D. CLIFFORD, R. Infant and Toddler Environment Rating Scale Revised. Estados Unidos: Teachers College Press. 2003

KATZ, Lílian G. **Five perspectives on quality in early childhood programs.** S.l.: ERC, 1993.

LORDELO, Eulina da Rocha. Contexto e desenvolvimento humano: quadro conceitual. In: LORDELO, Eulina da Rocha; CARVALHO, Ana Maria Almeida e KOLLER, Sílvia Helena (Orgs.). **Infância Brasileira e contextos de desenvolvimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador: Edufba,2002.

MACHADO, Maria Lucia De A., e CAMPOS, Maria Malta. **Parâmetros de qualidade para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Infantil e Fundamental. Documento Preliminar, 2004.

MEC. **Plano Nacional de Educação**. 2000.

MOSS, Peter. Para além do problema com qualidade. In: MACHADO, (Org.) **Encontros e Desencontros em Educação Infantil**. São Paulo: Vozes, 2002.

MOSS, Peter. As Diversas Linguagens da Avaliação. **Revista Pátio Educação Infantil**. Porto Alegre/ARTMED, 2006, pág. 9-11.

NABUCO, Maria Emília. Estudos sobre os efeitos de três currículos de educação pré-escolar em Portugal no fim do primeiro ano da educação básica. **Contrapontos**. Volume 4. Número 1. Jan/Abr 2004.

RINALDI, Carlina. Reggio Emilia: a imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental. In: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn (Orgs.). **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Tradução: Daniel E. Burguño. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROSEMBERG, FÚLVIA. **Panorama da Educação Infantil brasileira contemporânea**. Anais Simpósio Educação Infantil 2002 / Brasília: UNESCO Brasil, 2003.

SAGER, Fabio; SPERB, Tânia m.; ROAZZI, Antonio e MARTINS, Fernanda M. Avaliação da interação de crianças em pátios de escolas infantis: uma abordagem da Psicologia Ambiental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n. 16, v. 1, p. 203-215, 2003.

SALUJA, Gitanjali; EARLY, Diane M. & CLIFFORD, Richard M. Demographic characteristics of early childhood teachers and structural elements os early care and education in the United States. **Early Childhood Research & Practice**. Volume 4, Numero 1, Spring 2002.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

